

Saúde Integral da Mulher como tema curricular no Programa Mulheres Mil IFRN/CN

Rebeca Louize Lima Ferreira ¹
Monalisa Porto Araújo ²

RESUMO

O texto tem como tema a saúde integral da mulher, investigando a possível presença/ausência dessa temática na prática da cultura escolar e buscando compreender sua importância para a formação humana e integral, como preconiza uma educação democrática e popular que transpire cuidado, acolhimento e dignidade com as populações mais vulneráveis (GADOTTI, 2019). Sendo assim, a pesquisa parte da inquietação sobre as ausências de um itinerário formativo escolar que considere as temáticas de gênero e trate da especificidade da saúde integral de meninas e mulheres como importante campo de reflexão/ação educativa. A partir disso, buscamos responder à seguinte questão: Qual conhecimento das alunas do Programa Mulheres Mil do IFRN-CN a respeito do tema saúde integral da mulher? A perspectiva de tratar o currículo através de temas transdisciplinares aponta para a necessidade ética de considerarmos a unicidade dos produtos da convivência humana que interessa a todos e todas (FORQUIN, 1993). Nessa perspectiva, o trabalho tem como objetivo geral analisar como tema Saúde Integral da Mulher é compreendido pelo grupo de alunas do referido Programa, oferta 2022-2023 e as possibilidades transdisciplinares de inclusão/aprofundamento desse tema no currículo e na cultura escolar. A abordagem metodológica tem cunho qualitativo e exploratória (GIL, 2019) buscando compreender o entrecruzamento de concepções individuais e coletivas da comunidade escolar em relação ao tema abordado pela pesquisa. Os resultados de cunho qualitativo apresentam um panorama de compreensão do tema saúde integral da mulher no programa Mulheres Mil IFRN/CN. Logo, percebemos com a aplicação de questionários com o público-alvo da pesquisa que existe uma carência na compreensão do próprio corpo e no entendimento das violências sofridas pelas mulheres e o impacto para a saúde e consciência de si.

Palavras-chave: Saúde integral da Mulher, Educação Popular e Saúde, Violência contra a Mulher, Educação e Gênero.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta como tema a saúde integral da mulher, investigando a possível presença/ausência dessa temática no currículo escolar e buscando compreender sua importância para a formação humana e integral, como preconiza uma educação democrática e popular que transpire cuidado, acolhimento e dignidade com as populações mais vulneráveis (GADOTTI, 2019). A proposta do trabalho parte da preocupação em considerar como campo de reflexão/ação educativa a temática de gênero e especificidade da saúde integral da mulher.

¹ Graduando(a) do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio grande do Norte - IFRN, lima.rebeca.1909@gmail.com;

² Professor(a) Orientadora, Doutora em Educação, atua na Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio grande do Norte - IFRN, monalisa.porto@ifrn.edu.br;

A saúde das mulheres foi ganhando cada vez mais destaque no cenário internacional e passou a ser considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como fundamental para a conquista de uma sociedade justa e democrática, abrangendo a reflexão sobre as possibilidades de cada menina tornar-se mulher, alcançando todo seu potencial e colocando em questão as desigualdades sociais e de gênero como fatores que impossibilitam tal plenitude (OMS, 2009).

A desigualdade social é fator importante para a construção de cenários de violência de gênero contra as mulheres, condição que limita não apenas a participação da mulher nos espaços sociais, mas também como fator que afeta sua saúde. Segundo dados da Fiocruz (2023) entre 2015 e 2019, foram registrados 69.418 atendimentos decorrentes de violência sexual contra meninas e adolescentes, em serviços de saúde (FIOCRUZ, 2023). Esse número demonstra o quão frágil ainda estão as vítimas e a recorrência do crime em nossa sociedade. Para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) o perfil das vítimas de violência são principalmente em mulheres, com baixa escolaridade, Ensino Fundamental incompleto, pretas e pardas, e que recebem até dois salários mínimos.

Diante desse cenário, percebemos o Programa Nacional Mulheres Mil, com oferta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *campus* Currais Novos, como uma oportunidade de desenvolver o tema da saúde integral da mulher diante do público que atende: mulheres de baixa renda e em vulnerabilidade social, com Ensino Fundamental Incompleto, visando desenvolver oportunidades educacionais voltadas à inclusão educacional e social.

Nosso texto propõe responder à seguinte questão: Qual a compreensão das alunas do Programa Mulheres Mil do IFRN/CN, oferta 2022-2023, a respeito do tema saúde integral da mulher? Compreendemos que temas delicados e de relevância social não pertencem como objeto de nenhuma das disciplinas escolares, portanto podem ser incluídas no currículo e na cultura escolar com oficinas transdisciplinares. A perspectiva de tratar o currículo através de temas transdisciplinares aponta para a necessidade ética de considerarmos a unicidade dos produtos da convivência humana que interessa a todos e todas (FORQUIN, 1993). Dessa forma, a ação elaborada visou contribuir para a conscientização de mulheres a respeito de seus corpos e possíveis escolhas, com o objetivo de mitigar a violência sofrida pelas mulheres.

Percebemos que a desigualdade social construída entre homens e mulheres está presente em diversas formas de convívio, por meio da subvalorização, negação e invisibilidade de mulheres, por isso é necessário defender e construir espaços de fala e visibilidade para a vida e a saúde de mulheres e meninas.

Sendo assim, além de visar a conscientização, defendemos o tema com o intuito de auxiliar as estudantes a desenvolver um maior senso de autonomia de seus próprios corpos, ciclos femininos e escolhas, também promover práticas saudáveis e bem-estar ao longo de suas vidas gerando uma saúde de qualidade física, reprodutiva, sexual, mental e emocional.

Nessa perspectiva, o trabalho tem como objetivo geral analisar como tema Saúde Integral da Mulher é compreendido pelo grupo de alunas do referido Programa, oferta 2022-2023, e as possibilidades transdisciplinares de inclusão/aprofundamento desse tema no currículo e na cultura escolar.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica tem cunho qualitativo, buscando compreender o entrecruzamento de concepções individuais e coletivas da comunidade escolar em relação ao tema abordado pela pesquisa. O estudo se caracteriza pela tipologia exploratória (GIL, 2019), pois se preocupa em compreender como o tema saúde integral da mulher pode ser inserido no currículo e qual é a compreensão das estudantes, além de criar um quadro reflexivo com os dados obtidos.

O presente trabalho é uma ação em desdobramento de dois projetos de pesquisa finalizados no âmbito do IFRN: As Mulheres na 8ª Região de Saúde/RN: desafios para o combate à desigualdade de gênero na saúde (2021) e Indicadores sociais de saúde e trajetórias assistenciais de mulheres da 8ª região de saúde/RN (2022), e um terceiro projeto de pesquisa que encontra-se em andamento a intitulado Relação Saúde e Educação: Investigação sobre o tema Saúde Integral da Mulher no Ensino Médio (2023-2024), que busca investigar o tema saúde da mulher inserido no currículo e cultura escolar do Ensino Médio.

Inseridas na discussão e compreendendo a necessidade de ampliação do debate escolar sobre o tema, planejamos e desenvolvemos as ações em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, formada exclusivamente por mulheres do Programa Mulheres Mil do IFRN durante o período de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023 com o total de 8 encontros com quatro horas/aula cada.

Também elaboramos um material didático para orientar as discussões e submetas a serem tratados nos encontros. Os conteúdos/assuntos visavam promover a formação de valores de questões identitárias, culturais e políticas por meio de mini oficinas, dinâmicas e rodas de conversas. Desse modo, consideramos na produção do material os tópicos do cuidado de si, genograma, tipos de violência, ciclo menstrual e a ginecologia natural. No primeiro encontro, apresentamos o projeto e elaboramos um questionário sobre a temática saúde da mulher que iremos analisar nesse texto, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) de duas vias, em concordância com a participação na pesquisa e permissão à divulgação dos dados obtidos, tendo a garantia da privacidade e anonimato das participantes.

Quadro I – Tabela do questionário

Categorias	Perguntas
Sobre ser Mulher	<i>1. O que é ser mulher para você?</i>
	<i>2. Você gosta de ser mulher?</i>
	<i>3. Você reconhece se já passou por alguma violência? Se sente confortável em relatar que tipo de violência você pode ter sofrido?</i>
Sobre saúde	<i>4. O que é ter e cuidar da saúde para você? Você se considera saudável?</i>
	<i>5. O que poderia falar sobre o tema da Saúde para mulher?</i>
Sobre conhecimento do corpo	<i>6. O que vem a sua mente quando pensa em menstruação? Você recebeu algum acolhimento em sua primeira menstruação?</i>
	<i>7. Você consegue compreender o que ocorre em seu ciclo menstrual?</i>
	<i>8. O que vem a sua mente quando pensa e menopausa?</i>
Avaliação do questionário	<i>9. Você conhece as partes do seu aparelho genital e reprodutor? Pode citar as partes que conhece?</i>
	<i>10. Se sente confortável ou desconfortável ao falar sobre esse tema?</i>
	<i>11. Alguma curiosidade sobre o tema que gostaria de conversar coletivamente?</i>

Fonte: Sistematização das autoras (2023).

Nos demais encontros, foram propostas dinâmicas/atividades em grupos e outras individualmente. Sendo assim as dinâmicas foram pensadas como práticas dialógicas, a instigar diálogos, debates e discussões sendo registradas e acompanhadas por meio do diário de campo da pesquisa. Foi estimado uma média de 20 estudantes por encontro. Mulheres com faixa etária entre 24 e 65 anos, todas com ao menos um filho.

Assim, as atividades tinham como objetivos: iniciar o diálogo e estudo a partir de um tópico dentro do tema central; permitir a observação das noções prévias e consciência das estudantes; identificar possíveis reações de desconforto ou vergonha sobre o assunto e

possibilitar alguns esclarecimentos e dúvidas sobre determinado tópico. As atividades também tinham como intenção proporcionar e promover a construção de conhecimentos para auxiliar as estudantes a valorizarem seus ciclos naturais e ter uma melhoria de qualidade de vida.

Adiante, iremos averiguar e sistematizar alguns pontos do questionário como também alguns pontos a partir dos diálogos formados dentro da sala de aula. Assim, o presente trabalho centra sua análise nas respostas das questões 1, 3 e 6, que conseguem dar conta do objeto de análise sobre a compreensão das alunas sobre o tema saúde integral da mulher.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

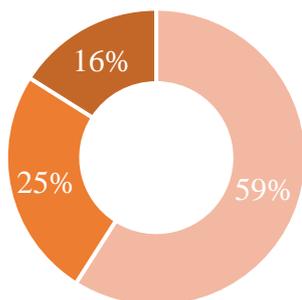
Os resultados de cunho qualitativo apresentam um panorama de compreensão do tema saúde integral da mulher inserido no programa Mulheres Mil IFRN/CN, através dos dados obtidos do questionário e dos relatos de experiências das participantes durante os encontros.

Para o primeiro momento dos resultados iremos analisar detalhadamente o questionário realizado durante o primeiro encontro. O intuito do questionário era poder visualizar melhor as concepções prévias das estudantes sobre o tema da saúde integral da mulher. Para descrever as participantes do questionário e dos encontros, são essas mulheres que vão de 31 a 60 anos, sendo todas mães em média de 3 filhos.

O questionário preocupou-se em elaborar 11 questões abertas de forma simples e clara. Assim, foi dividido em categorias: Sobre ser mulher; Sobre saúde; Sobre conhecimento do corpo e Avaliação do tema do questionário. Sendo assim, o foco da análise será nas respostas das questões: 1. *O que é ser mulher para você?*; 3. *Você reconhece se já passou por alguma violência? Se sente confortável em relatar que tipo de violência você pode ter sofrido?*; e 6. *O que vem a sua mente quando pensa em menstruação? Você recebeu algum acolhimento em sua primeira menstruação?*. A escolha das questões foi realizada pelos potenciais elementos da identidade das mulheres e pela riqueza das respostas das participantes. Para uma melhor compreensão as análises serão acompanhadas de gráficos com porcentagens tendo sido organizada a partir das respostas semelhantes.

Á vista disso, passamos a observar o primeiro gráfico sobre a primeira questão que mostra o que as elas acham sobre ser mulher:

Gráfico 1 – Sobre ser mulher



- 58% Responderam associando de modo positivo
- 25 % Responderam associando de modo negativo
- 16 % Não souberam responder

Fonte: Elaboração própria (2023)

Assim, identifica-se em torno dos 58% das respostas vistas no gráfico apontam que elas associam o fato de ser mulher de modo positivo. Temos como representante desse agrupamento a fala da participante P3 que destaca: "É ter dádiva de ser menina adolescente e mulher pra ser uma árvore frutífera: Às vezes tem delas que não querem ser mãe. Amo ser mulher" (2022). Essa fala foi muito representativa, pela associação do ser mulher ao ser mãe na sociedade, ser uma árvore frutífera. Sabemos que a construção social do patriarcado na sociedade capitalista se traveste do discurso do cuidado e da maternidade como trabalhos a serem desenvolvidos em nome da função biológica de ser mulher e por sua desvalorização na sociedade capitalista (FEDERICI, 2021).

Para as 25% das respostas que associaram o ser mulher de modo negativo podemos destacar a fala da Participante 7: "Ser mulher é uma coisa muito complicada, ser mulher o significado é tudo e cuidar" (2022). Essa fala marca a contraditoriedade da socialização da mulher na sociedade, destacando a marca do cuidado, dessa vez como algo negativo, que sobrecarrega as mulheres e que corrobora com a autora supramencionada.

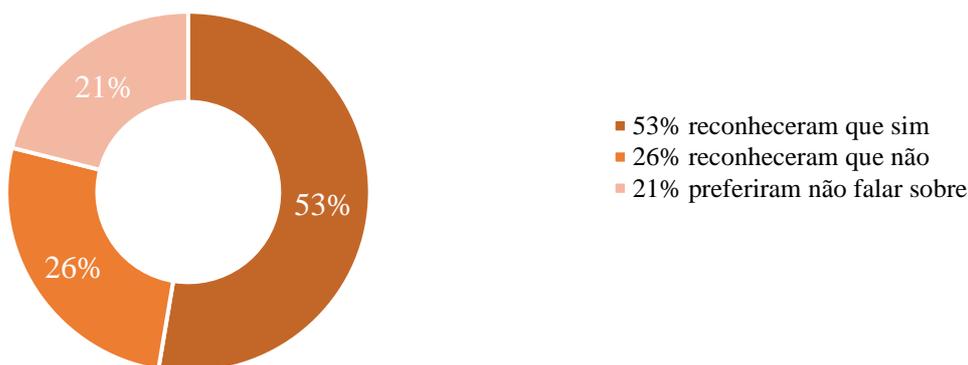
Entretanto, ao comparar com as respostas da questão 2, a título de complementação da interpretada questão 1, "*Você gosta de ser mulher?*", observa-se um certo constraste em relação a primeira questão. Percebe-se como exemplo as respostas da Participantes 5: "Gosto sim, mas às vezes queria ser homem" (2022) e da Participante 9: "Às vezes sim, e ao mesmo tempo não" (2022). A sobrecarga de assumir as responsabilidades sociais e a desvalorização de ser mulher na sociedade acaba gerando uma insatisfação e comparação com as oportunidades vividas pelos homens. Quanto a isso pontua Safiotti:

As próprias mulheres acabam acreditando que são menos capazes de fazer ciência que os homens, uma vez que não sabem usar a razão. Acabam por desenvolver desproporcionalmente a dimensão afetiva de sua personalidade, em prejuízo do aspecto racional. Logo, não sentem, via de regra, confiança em si mesmas, O que as impede de lutar mais vigorosamente para mudar a situação. A ideologia machista, que considera o homem um ser superior a mulher, não entra apenas na cabeça dos homens. Também as mulheres, majoritariamente, acreditam nestas ideias e as transmitem aos filhos. (SAFIOTTI, 1987, p.34)

Dessa forma, apesar da concepção de Safiotti apontar para a visão inferior que as mulheres sentem dentro de um espaço científico, podemos simular essa concepção de forma mais ampla ao ver que algumas mulheres ainda preferiam serem homens e não possuem confiança em sua própria identidade. De acordo com Moreno (1999), cada pessoa possui uma imagem da realidade influenciada por um modelo que a sociedade oferece, entretanto esses modelos são diferentes distribuídos, uns para o sexo masculino e outros para o feminino, à vista disso, as respostas ambíguas, incertas ou às vezes contraditória sobre *ser mulher* e *gostar de ser mulher* podem ser um reflexo sobre a imagem que cada uma delas construiu sobre si.

Em seguida, podemos dá atenção ao gráfico 2 que detelha a questão 3 “*Você reconhece se já passou por alguma violência? Se sente confortável em relatar que tipo de violência você pode ter sofrido?*”:

Gráfico 2 – Gráfico sobre reconhecimento de alguma violência



Fonte: Elaboração própria (2023).

Nota-se que mais da metade das mulheres participantes apontam ter reconhecido ter sofrido algum tipo de violência, também não se passa despercebido que 21% delas preferiram não relatar sobre o assunto. O que podemos inferir que em torno de 74% das mulheres desse grupo podem ter sido vítimas de violência. Porém, no encontro em que tratamos do tema e abordamos todas as tipologias co que se considera como violência contra a mulher, todas as participantes reconheceram ter sofrido algum tipo de violência, principalmente a obstétrica, fato que reforça o achado dos projetos de pesquisa mencionados na introdução que relatam a violência obstétrica como sendo imperceptível pelas mulheres no Rio Grande do Norte e muitas vezes, tratam do tema sem reconhecer como processo de violência, naturalizando o comportamento de desumanização na atenção do ciclo gravídico (DIAS, LOPES, MOREIRA, et al, 2021).

Sobre o conhecimento do corpo que abordou o ciclo feminino – a menstruação e a menopausa, percebe-se que em média 75% das mulheres que responderam menstruam e as

outras 25% estão na menopausa. Perguntamos o que vinha a mente delas ao pensar na menstruação e se em sua primeira menstruação elas obtiveram alguma forma de acolhimento. A maioria das respostas mostram que poucas tiveram acolhida e que em geral, elas não enxergam a menstruação nem a menopausa como algo positivo. Vejamos o gráfico 3:

Gráfico 3 – Gráfico sobre o possível acolhimento na menarca



Fonte: Elaboração própria (2023).

Como respostas significativas da questão 6, agrupamento dos 60% que não obtiveram acolhimento na primeira menstruação, as falas da Participante 3: "Um terror completo! Minha mãe chamou eu de sebosa e porca. Minha vizinha fez um paninho de tecido para mim foi um terror. Hoje odeio essa fase" (2022); e da participante 7: "Não tive acolhimento, quando penso em menstruação não é bom" (2022).

Nesse contexto, a fala das estudantes consta com o pensamento de Perrot (2003), que raciocina sobre a ausência de delicadeza na primeira menstruação das mulheres, como se fosse apenas o início da fase reprodutora da mulher:

O silêncio envolve também a vida íntima do corpo da mulher. Primeiro, as etapas da transformação do corpo feminino são muito menos ritualizadas e solenizadas que as dos rapazes. No século XIX a adolescência masculina é considerada uma crise violenta; a das meninas, uma mutação suave que as encaminha ao papel de reprodutoras. Para elas, não há rito de passagem; apenas uma transmissão de mãe para filha, cujo murmúrio tende a se perder nos pudores vitorianos do século XIX, que tornam mais difícil toda palavra sobre o sexo. A ausência da educação sexual faz com que a primeira menstruação seja uma surpresa vivida quase sempre no medo e na vergonha. (PERROT, 2003, p. 15,16.)

Esse silêncio que envolve as mulheres, ainda é explicado por Michele Perrot sobre o fato das mulheres não gostarem de falar sobre seus próprios corpos, ou ainda mostrarem pouca disposição para falar sobre a experiência com a menstruação ou outras fases do ciclo feminino. Numa pesquisa feita por Fáveri e Verson (2007), nota-se que tanto a menstruação e a menopausa não são vistas como um fato natural, mas sim um fato social marcado pela cultura e representações que as mulheres constroem acerca de seus corpos, algo notório que também

pode ser observado nas respostas dentro desse eixo do conhecimento e vivências da menstruação e menopausa.

Sendo assim, é reforçado a ideia de existirem ações educativas mais pertinentes e insistentes acerca dos conhecimentos do corpo da mulher para trazer à tona o que antes era privado, impróprio ou subjugado. Deve ser estudado com seriedade e sem tabus, envolver o saber de todo aparelho genital e reprodutor. Levando isso em consideração, uma das aulas trouxe o tópico do autoconhecimento para as estudantes. A atividade funcionou como uma oficina e roda de conversa sobre o autoconhecimento feminino, tratando-se da anatomia genital e exercícios para a região do assoalho pélvico.

A oficina iniciamos com uma mensagem acolhedora - “Se conhecer é um ato de amor”, e seguimos para a vivência do útero, na primeira parte do encontro usamos ilustrações (elaboradas com delicadeza e cuidado), para explicar a anatomia da vulva, da vagina, do útero e o colo uterino. Nesse momento foi possível perceber as inquietações expressivas das alunas, algumas também aproveitaram para tirar alguma dúvida. Portanto, ao final do encontro foi satisfatório o resultado. As alunas tiraram várias fotos com as colegas e aproveitaram para agradecer o encontro. Uma das alunas disse que ficou bastante feliz com o encontro pois descobriu como seu corpo funcionava. Outra aluna disse que aprendeu a diferença entre a vulva e a vagina e antes ela não sabia pois tinha medo e vergonha.

Como já abordado anteriormente, foi necessário a produção e montagem de um material didático sobre o tema. Esse material fortaleceu os diálogos e a compreensão visual nos encontros. Com base nesse material, foi elaborado cuidadosamente um diário de registro como produto/resultado final de nossos encontros. O diário englobava todos os tópicos vistos e ainda detalhava alguns tópicos especiais sobre a ginecologia natural - último subtema debatido. Continha também páginas com mandalas e para anotações em branco para elas registrarem suas informações pessoais à respeito da saúde, bem-estar e qualidade de vida. Assim, o diário foi entregue como um presente ao final da pesquisa, para elas usarem de forma pessoal e personalizável, e terem a oportunidade de retornar ao que foi dialogado nos encontros/aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros reafirmam a importância da promoção e da expansão do tema saúde integral da mulher inserido no currículo escolar, uma vez que foi notado a partir das dinâmicas elaboradas, noções confusas ou uma ausência de conhecimento sobre os seus direitos e autoconhecimento, além de uma determinada curiosidade e dúvidas na maioria das participantes. Diante disso, os conhecimentos prévios devem servir para delinear os principais aspectos a serem discutidos e esclarecidos, para intercalar para o conhecimento científico

atribuindo novos sentidos às percepções e vivências dos estudantes. Ainda mais, defendemos nesse espaço educacional uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar com parcerias entre profissionais de diferentes áreas do saber que apoiam e colaborem com a relação entre a educação e saúde da mulher.

Todavia, houve um positivo engajamento da turma participante que auxiliou no compartilhamento de saberes e troca de experiências, chamando atenção das mulheres para o autoconhecimento e autocuidado com seu próprio corpo, como também proporcionou reflexões/valores de reconhecimento e pertencimento consigo mesma – algo muitas vezes relatado por elas durante os encontros. Durante o processo de observação e a experiência dos encontros percebemos a diminuição da timidez e vergonha à cada tópico abordado, evidenciando a evolução e amadurecimento que as mulheres obtinham acerca do tema.

Reconhecemos também o fato das participantes em grande maioria serem mães e possuírem papéis como educadoras em seus lares, levando as aulas muitas vezes para contextos familiares, assim sendo, os diálogos realizados em sala de aula podem contribuir para a liberdade e conforto em conversar sobre assuntos relacionados ao corpo feminino e seus aspectos sexuais e genitais.

Logo, percebemos com a aplicação de questionários com o público-alvo da pesquisa que existe uma carência na compreensão do próprio corpo e no entendimento das violências sofridas pelas mulheres e o impacto para a saúde e consciência de si. Assim, o tema saúde integral da mulher pode e deve ser ampliado diante dos currículos escolares, contemplando tanto as meninas e os meninos, as mulheres e os homens a respeito da construção de saberes e compreensão integral de seus corpos e autocuidado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as mulheres participantes da pesquisa que se envolveram e engajaram com determinado interesse e pelo carinho desenvolvido no processo. Agradecemos aos membros do projeto Relação Saúde e Educação: Investigação sobre o tema da saúde integral da mulher no Ensino Médio, especialmente à professora e orientadora Monalisa Porto Araújo pela dedicação.

REFERÊNCIAS

DIAS, Marylia. LOPES, Naruna. MOREIRA, Marianna. ALMEIDA, Rafael. A espacialidade do atendimento ao parto no Rio Grande do Norte: um olhar sobre a 8 Região de Saúde (Assú). Anais da I Simpósio Internacional Educação Popular, Agroecologia e Memória. 2021

FÁVERI, M.; VENSON, A.M. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. **Anos 90**. Porto Alegre. v. 14 n. 25. 2007.

FEDERICI, Silvia. O patriarcado do Salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.

FIOCRUZ, 2023. Estudo expõe desigualdades que marcam quadro de mães adolescentes no país. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/en/noticia/estudo-expoe-desigualdades-que-marcam-quadro-de-maes-adolescentes-no-pais> acesso em out 2023.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (2023). Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 4ª edição - 2023.

FRANÇA, Karoline Veiga; BRAUNER, Maria Claudia Crespo. O corpo feminino sob uma perspectiva foucaultiana: rumo à construção dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no Brasil. **VII Seminário de Corpo, Gênero e Sexualidade**, 2018.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos**. Instituto Paulo Freire: 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Juliana Teixeira et al.. **Processos de conscientização entre mulheres: sexualidade, corpo e prazeres**. Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/87721>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

GUALDA, Dulce Maria Rosa et al. O corpo e a saúde da mulher. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, p. 1320-1325, 2009.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Campinas: Editora da Unicamp/ Moderna, 1999.

OMS/2009. **Mulheres e Saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã**. Relatório Executivo. Organização Mundial de Saúde: 2009.

PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PORTO ARAÚJO, M; FERREIRA, R. L. L. Relação Saúde e Educação: Investigação sobre o tema da saúde integral da mulher no Ensino Médio. **Projeto de Pesquisa**. Currais Novos. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987

SOARES, M. N. T.; GASTAL, M. L. de A. O início, o fim e o meio: algumas concepções e imagens de estudantes da EJA sobre menstruação, menopausa e climatério. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 275–293, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4472>. Acesso em: 06 ago. 2023.



THIENGO E. R.; Mota A. B. dos S.; Monteiro J.; Valério S.; Sedano M. de C.; de Martin P. de S. T.; Lordes J. B. B.; Santos S. A. F.; de Lima A. M. B.; de Freitas E. P. Políticas de saúde da mulher no ambiente escolar: um exame bibliográfico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 3, p. e6432, 21 mar. 2021.

WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. **Gênero, corpo e conhecimento. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos**, p. 102-3, 1997.